VOCÊ TEM FOME DE QUE? REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO DE HISTÓRIA DO TURISMO

Iomara Giffoni

RESUMO: Esse artigo propõe localizar o estudo histórico do turismo como algo inseparável do ser humano e situado no seu tempo social, o que se pretende é colocar esse mesmo ser humano como o cerne do fenômeno turístico de onde partem e gravitam todos os demais aspectos envolvidos. Para tanto foi realizada uma revisão bibliográfica sobre as publicações em história do turismo no Brasil, bem como, de conceitos como o de tempo social e história social, que contribuem para a construção desse raciocínio. Como resultados do estudo tem-se que a adoção de um conceito de turismo de cunho social proporciona o alinhamento com os conceitos de tempo social e história social. Essa seria uma boa base de partida para um estudo histórico do turismo dentro de uma perspectiva social. Acredita-se que dessa forma se possibilita uma visão integradora e não compartimentada do citado fenômeno.

Palavras-chave: Turismo; Educação; História.

ABSTRACT: This article proposes to locate the historical study of tourism as inseparable from the human being and set in its social time, the intention is to put the same human being as the heart of the tourist phenomenon where depart and all other aspects involved gravitate. For this purpose a bibliographical review about the publications in the history of tourism in Brazil, as well as concepts such as social time and social history, which contribute to the construction of this reasoning. As the results of the study is that the adoption of a concept of social tourism provides the alignment with the concepts of social time and social history. This would be a good starting point for a historical study of tourism within a social perspective. It is believed that this enables integrating vision and compartmentalized the said phenomenon.

Keywords: Tourism; Education; Story.

INTRODUÇÃO

> “Bebida é água! Comida é pasto! Você tem sede de que? Você tem fome de que?...
>
> A gente não quer só comida. A gente quer comida. Diversão e arte. A gente não quer só comida. A gente quer saída. Para qualquer parte...
>
> A gente não quer só comida. A gente quer bebida. Diversão, balé. A gente não quer só comida. A gente quer a vida. Como a vida quer...
>
> Bebida é água! Comida é pasto! Você tem sede de que? Você tem fome de que?...
>
> A gente não quer só comer. A gente quer comer. E quer fazer amor.
> A gente não quer só comer. A gente quer prazer. Prá aliviar a dor...
>
> A gente não quer só dinheiro. A gente quer dinheiro. E felicidade. A gente não quer

> Só dinheiro. A gente quer inteiro. E não pela metade...
>
> Diversão e arte. Para qualquer parte. Diversão, balé. Como a vida quer. Desejo, necessidade, vontade. Necessidade, desejo, eh! Necessidade, vontade, eh! Necessidade..."
>
> (Música "Comida" / Titãs / Álbum: Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas / 1987 / gravadora WEA)

O artigo aqui apresentado se baseia nos anos de experiência, estudo, docência e reflexão a cerca do que denominado "fenômeno turístico", que pode ser compreendido na acepção literal da palavra, "algo que pode ser visto", e nesse sentido, ele ganha visibilidade perante a captação de megaeventos como a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016. E também pode ser entendido na acepção filosófica Kantiana, para quem os fenômenos constituem o mundo como nós o experimentamos ao contrário do mundo como existe independentemente de nossas experiências. Experiências que buscamos em resposta as nossas inquietudes, em repostas às nossas necessidades... E você? tem fome de que?

A provocação decorre da observância de certo conceito preconcebido em relação ao Turismo enquanto campo de estudo. Fato esse, que é pontuado na introdução do livro "Uma pré-história do turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)", do historiador Haroldo Leitão Camargo (2012).

> ...essas preocupações sobre a história do turismo que, do lado de alguns historiadores, provocariam narizes torcidos, muxoxos diante de um tema que não lhes ocorre seria digno de compreensão, julgam menor, ou absolutamente dispensável. Sob esse ponto de vista, o turismo é uma simples decorrência de transformações econômicas e se explica por meio dessa infraestrutura; não é um fenômeno apropriador, capaz de modificações, não apenas perceptíveis no âmbito da economia. Não possui condições de mimese social nem é criador de paisagens. Claro que a maioria deles jamais viajou a lazer, hospedou-se, utilizou-se de transportes para esses fins, sequer frequenta restaurantes fora de seu domicílio. Ou seja, não tem esses hábitos, porque turistas são os outros (CAMARGO, 2012, p.11).

Esse é um paradigma que se procurará desconstruir nesse trabalho. Para tanto, muitos são os caminhos, mas o que efetivamente interessa aqui é fazer a ligação entre o turismo e o ser humano, com suas necessidades, hábitos, anseios e experiências. Nesse sentido Camargo (2012) corrobora ao colocar

> "...a preocupação em historiar aspectos médicos-terapêuticos do passado, a noção de doença e saúde. Porque, se recuperar a saúde e divertir-se são motivos inerentes aos seres humanos e, nesse sentido, atemporais, as formas e as razões para fazê-lo, ou como se pensa sobre isso, se recomenda ou se exercita, ou se coloca em prática o preconizado, podem variar extraordinariamente, de acordo com o período e o lugar em que se realizam."

Isso nos leva a motivação – qual o motivo da ação de viajar? A curiosidade? A inquietude? A necessidade de descanso? O trabalho? O encontro... ou melhor, ainda, o reencontro!

Concorda-se com Camargo: as formas e as razões para fazê-lo, ou como se pensa sobre isso é que vão variar de acordo com o período e o lugar. Não se pode negar que o capitalismo é uma condição dada, as "cidades da moda" são consumidas da mesma forma que as roupas de grife. E o que dizer do fetiche da tecnologia? Celulares, ipads, ultrabooks. A maior critica ao turismo é que ele espetaculariza tudo. Mas quem é o "turismo"?

Richard Bach (1974, p.20) tem uma crônica intitulada "Orações" onde ele define oração como aquilo que queremos e vamos caminhando de encontro a ele no decorrer da vida. Esse caminhar no sentido de construir, de tornar possível, de trabalhar para que aconteça. Ele conclui que o mundo é, e sempre será, fruto das nossas ações. E assim que se entende o fenômeno turismo aqui: fruto da ação humana. Sendo também uma forma pela qual ele expressa o seu modo de vida, sua temporalidade.

Fato é que, esse é o ser humano que caminha nas ruas das cidades da atualidade. Também é fato que o aspecto econômico do turismo é um forte argumento para a sua inserção no planejamento das cidades, isso é algo que o poder público já incorporou como uma das possibilidades para a ativação econômica das cidades, e conforme apontado por Hall (2001), o planejamento é uma ação política antes de ser técnica.

SOBRE AS PUBLICAÇÕES EM HISTÓRIA DO TURISMO

Começa-se observando que o fenômeno turístico é sistematicamente entendido e consequentemente estudado sob a luz dos seus aspectos

quantificáveis. De certa forma, isso esta na sua gênese haja vista que Mario Carlos Beni (2003), define que o objeto do turismo é:

> O elemento concreto do fenômeno traduzido no equipamento receptivo e no fornecimento dos serviços para a satisfação das necessidades do turista, que se denomina Empresa de Turismo. Ela é complexa e, em grande parte, responsável pela produção, preparação e distribuição dos bens e serviços turísticos. Pode-se conceituar "bem turístico" como todos os elementos subjetivos e objetivos ao nosso dispor, dotados de apropriabilidade, passíveis de receber um valor econômico, ou seja, um preço.

Logo, esse fato é verificado na abordagem histórica adotada na maior parte da literatura existente a cerca da gênese do turismo, que se apoia na sua "concretude", ou seja, nos elementos concretos do fenômeno para demonstrá-lo, identificando como marcos da sua história, os momentos em que surgem os elementos estruturais e/ou constitutivos da atividade turística tal qual como é conhecida atualmente.

Nessa lógica, é apontada desde a existência de estradas pavimentadas e com escoamento de água do império romano, passando pela construção de hotéis, a escrita do primeiro guia de viagens, até aquele que é efetivamente reconhecido como um marco, que é a intermediação do fretamento de um trem para um evento anti-alcoolismo, realizado por Thomas Cook, em 1841 na Inglaterra.

Cabe salientar que se encontra esse tema contemplado, com maior frequência, em apenas um capitulo nos livros com abordagem geral do fenômeno. É o caso dos livros "Introdução ao Turismo" (2000), "Turismo: como aprender como ensinar" (2003); "Fundamentos do Turismo" (2003), dentre outros. As primeiras e mais conhecidas obras publicadas dedicadas ao estudo da História do Turismo são os livros "Viagem na Memória: guia histórico das viagens e do turismo no Brasil" de Trigo (2000) e "História das viagens e do turismo" de Melgaço (2002).

A questão que se coloca nesse tipo abordagem é que por mais minucioso que seja o levantamento de dados, ela não consegue relatar o surgimento da totalidade dos elementos constitutivos da atividade turística no mundo. Isto levando em consideração que quando se diz "mundo", refere-se aqui ao mundo ocidental, pois menos ainda se sabe do oriente.

Acredita-se que tal fato decorra de uma das características peculiares ao Turismo, que é a sua amplitude. Numerosa é a quantidade de elementos constitutivos do fenômeno e que perpassa por diversas áreas do conhecimento como a história, geografia, administração, lazer, sociologia, dentre outras.

No decorrer do tempo, outras publicações com recortes específicos também são escritas, contudo, como não se pretende aqui fazer uma enumeração de obras, por isso a seguir cito alguns exemplos, no intuito de situar o leitor quanto ao direcionamento dos estudos dessa área de conhecimento ligados ao turismo.

Há uma vertente que irá estudar os segmentos do turismo, como 'História do turismo de massa' (2003), onde o autor questiona o conceito difundido de que seu início teria ocorrido na França em 1936, e o situa no período do pós-guerra (1950-1980). Outra com enfoque local, como “História do Turismo em Blumenau” (2006), inclusive é um dos poucos livros fora do eixo Rio de Janeiro / São Paulo, observa a implantação dessa atividade em uma cidade que possuía um caráter industrial. Enfim, cita-se “História social do Turismo”, também de 2006, por ser o único livro que tem o termo “história social” em seu título e que em sua sinopse afirma abordar as condições históricas, sociais e culturais para a emergência histórica do Turismo e da Hospitalidade, assim como a inserção contemporânea da “indústria do turismo”, o que não se realiza efetivamente no decorrer da publicação.

A exceção do livro “Turismo no percurso do tempo” de 2005, escrito por Mirian Rejowski, em que a autora procura integrar o lazer, a recreação e o turismo, utilizando a história oral, por um período de aproximadamente seis anos se encontrará trabalhos de ficção e obras iconográficas para traçar a história do Turismo.

Somente no ano de 2012 é que se terão trabalhos relevantes nesse campo, como o do historiador Paulo de Assunção, intitulada a “História do Turismo no Brasil entre os séculos XIV e XX – viagens, espaço e cultura”. E, sem dúvidas, o estudo que mais se aproxima da abordagem de turismo que se acredita como ideal, que é o livro “Uma pré-história do turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)”. Tendo como objeto de estudo o Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX, estuda os usos e costumes que, posteriormente, evoluiriam na direção do turismo. Contudo, naquele momento não há, condições materiais, pré-

requisitos ou infra-estrutura que façam efetivamente o turismo possível e o autor conclui que as práticas de lazer se encontravam longe de representar práticas turísticas.

Não menos importante, porém não publicados no formato de livros, de consequência não contemplada em uma primeira busca sobre o tema, temos as teses de doutorado e dissertações de mestrado de bons pesquisadores que vem se consolidando na área, como a tese "O turismo levado a sério: Discursos e relações de poder no Brasil e na Argentina (1933-1946)", Valéria Lima Guimarães (2012); e a dissertação "História do Turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930", de André Barcelos Damasceno Daibert (2010).

Uma vez delineado o estado da arte do estudo da história do turismo, chega-se ao âmago da questão: nessa busca de provar por A + B que o turismo existe, de forma palpável, pouca ênfase é dada a transformação na estrutura social no momento da revolução industrial. E o que se consolida como conhecimento é o jargão "o turismo é um fenômeno pós-revolução industrial". A lógica da concretude também não se concatena com outra característica do turismo, apontada por autores da área como Ruschmann (1990), feita sob a ótica do marketing, mas aplicável ao fenômeno como um todo, que é a sua intangibilidade, **"**o produto turístico, não pode ser tocado, ele é imaterial e é apenas percebido pelo consumidor".

Interessante observar como estudos de áreas diferentes podem nos apontar uma mesma direção, a de que o fenômeno turismo gravita também numa esfera subjetiva dos sentidos, das necessidades e das experiências. Cabendo uma investigação que se justifica na colocação de Hobsbawn (1998) de que "os aspectos sociais ou societais da essência do homem não podem ser separados dos outros aspectos de seu ser, exceto à custa da tautologia ou da extrema banalização".

Finaliza-se essa seção tecendo algumas considerações a cerca das publicações existentes em turismo. Primeiramente, que na prática, cada livro irá apontar os indícios do turismo encontrados nas respectivas fontes, o que vária de livro para livro. Segundo que muitos autores cometem anacronismos, ao identificar no passado elementos do turismo tal qual ele se configura hoje, esquecendo que este é um fenômeno pós-revolução industrial. E por último que quanto maior e mais minucioso é o levantamento de dados apresentados nos livros, menor é o

entendimento por parte dos discentes que aquelas são as peças isoladas do quebra-cabeça e que, mais importante que decorar fato por fato, eles devem perceber o processo, o como elas vão se encaixando para montar a figura final. É como afirma Fustel de Coulanges, citado por Hobsbawn (1998), "a história não é a acumulação de todos os tipos de eventos que aconteceram no passado. É a ciência das sociedades humanas".

DO QUE SE TEM FOME?

Respondendo diretamente: do entendimento do fenômeno turístico como algo inerente ao ser humano. Obviamente esse entendimento é uma construção, cujo alicerce tem que estar assentado em conceitos que contribuam para esse raciocínio, e não será esgotado nesse artigo. Aqui, o máximo que se conseguirá, será indicar alguns caminhos que são frutos dos estudos e da percepção dessa autora.

O primeiro o conceito no qual se acredita que o entendimento do fenômeno turístico deva estar assentado é o de tempo social, presente no texto "Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial" de Edward P. Thompson (1998), onde o autor localiza na disseminação do relógio, o cerne da Primeira Revolução Industrial, modificando a noção de tempo existente na sociedade pré-industrial e adequando os homens ao sistema fabril, condicionando-os e disciplinando-os através da regulamentação do tempo.

Camargo (2007) identifica a origem do turismo na construção desse tempo social em relação a certas condições materiais.

> No caso específico pareceu-me que, ao estabelecer a noção de tempo social com a passagem da noção tradicional para aquela das sociedades industriais, seria possível encontrar um nexo entre história e turismo. Essa noção de tempo não se traduz exclusivamente pelo tempo astronômico, a posição do sol e as estações do ano, mas por uma amálgama de elementos que incluem tudo isso, e ainda o tempo de trabalho e o do não-trabalho, em dimensões psicossociais interiorizadas nos indivíduos. Nesse diapasão, reiterando, é possível, grosso modo, identificar duas medidas de tempo social. O tempo das sociedades tradicionais, ou pré-industriais, e o tempo das sociedades industriais. A última concepção é inerente, ao mesmo tempo em que está em permanente relação dialética, ao capitalismo industrial e suas dimensões sociais. Nela é possível identificar o turismo (Camargo, 2012, p.11).

Se concorde com essa explicação, que vem de encontro às inquietudes teóricas nesse trabalho expressas, quando ela identifica a existência de "dimensões psicossociais interiorizadas nos indivíduos". Contudo, aqui, parte-se da concepção que o turismo tal qual o conhecemos hoje surge dentro do contexto da Revolução Industrial, fruto de uma conjuntura que tem como elementos o êxodo rural para os centros urbanos em busca de trabalho nas indústrias; a regência do tempo pelo relógio e não mais pela natureza; da desestruturação da hierarquia familiar; a alienação gerada pelos "choques" de Simmel[1], que irão atuar sobre o psicológico do homem gerando o stress, que terá como resultado a necessidade de descanso / quebra do cotidiano que se concretizará na luta pelo direito as férias remuneradas. Nesse contexto, o precursor do marco histórico do turismo será a institucionalização desse direito a férias remuneradas e o marco em si, será a intermediação dos serviços turísticos realizada em 1841, por Thomas Cook.

Ou seja, pressupõe-se que a origem do turismo estaria em um contexto mais amplo, onde o tempo social é um dos elementos, e estaria no contexto da história da sociedade, da história social, e esses serão os próximos conceitos que se trás. Eric Hobsbawn (1998) define a história da sociedade da seguinte forma:

> A história da sociedade é *história*: ou seja, ela tem como uma de suas dimensões o tempo cronológico real. Não estamos preocupados apenas com estruturas e seus mecanismos de persistência e mudanças, e com as possibilidades gerais e padrões de suas transformações, mas também com o que de fato aconteceu.

Já da história social ele dirá:

> A história social é, portanto uma colaboração entre modelos gerais de estrutura e mudança social e o conjunto específico de fenômenos que de fato aconteceram. Isto é verdade e independente da escala geográfica ou cronológica utilizada em nossas investigações.

[1] Georg Simmel – sociólogo alemão analisa como a vida nos centros urbanos impacta sobre o ser humano, destacando o fenômeno do embotamento dos sentidos: a imensidade de estímulos gerados pelas intensas atividades urbanas (intensificação da vida nervosa) tinha seu reflexo na personalidade do indivíduo, gerando sujeitos que iam perdendo sua capacidade de relação com seu meio circundante.

Sendo o nexo entre história e turismo, o fato deste útlimo, após a Revolução Industrial, inserir-se no processo de produção social como produto da sociedade capitalista, industrial e urbana, resultado do ato de trabalho para além da sua finalidade imediata, o lazer. As relações sociais desenvolvidas nesse processo histórico geram novas necessidades e possibilidades que se expressam como outras facetas do mundo do trabalho.

O turismo abre um leque diverso de leituras que, dialogando com o pensamento histórico, contribui para a percepção da complexidade social que vivemos. E Hobsbawn (1988, p.85) corrobora para esse quadro com o argumento de que, "apesar da inseparabilidade essencial do econômico e do social na sociedade humana, a base analítica de uma investigação histórica da evolução das sociedades humanas deve ser o processo de produção social".

Já que estamos falando de turismo, é importante também assinalar aqui a necessidade de se trabalhar um conceito de turismo que saia do aspecto puramente econômico e funcional, como os conceitos adotados pelo Ministério do Turismo e Organização Mundial de Turismo - OMT.

> É uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações compra e venda de serviços turísticos, efetuadas entre os agentes econômicos do turismo. É gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por qualquer motivo, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visita (EMBRATUR, 1992).
>
> Turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros (Organização Mundial de Turismo, 1994).

Aqui vai nos interessar uma conceituação de cunho social, dentre aquelas existentes se opta pela de Oscar de la Torre (1992):

> É um fenômeno social, que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupo de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Veja bem, a adoção de um conceito de turismo de cunho social proporciona o alinhamento com os conceitos de tempo social e história social. Essa seria uma boa base de partida para um estudo histórico do turismo dentro de uma perspectiva social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se propor localizar o estudo histórico do turismo como algo inseparável do **ser** humano e situado no seu tempo social o que se pretende é colocar esse mesmo ser humano como o cerne do fenômeno turístico de onde partem e gravitam todos os demais aspectos envolvidos. Acredita-se que dessa forma se possibilita uma visão integradora e não compartimentada do citado fenômeno.

Tal compartimentação se reflete na grade curricular dos cursos de turismo, que na maioria dos casos se configura mais em uma colcha de retalhos do que na pretendida inter e transdiciplinaridade. As áreas do conhecimento envolvidas trazem múltiplos olhares, que, ainda que sejam idôneos, e pertinentes, e embasados, vão explicar facetas isoladas do Turismo, incorrendo no dito conhecimento compartimentado, carecendo do dialogo com os demais para se produzir o entendimento do fenômeno em si.

O que leva à reflexão de que é necessário um olhar de dentro para fora e não de fora para dentro. Ainda que o turismo, enquanto ciência sofra da sua incipiência e precise do apoio de referenciais consolidadas das demais ciências sociais para ajudar a guiar seus estudos.

Daí a provocação de se iniciar o artigo com a música “Comida” dos Titãs, que trás uma reflexão quanto ao **ser** humano passível de ser transposta para o turismo, porque “A gente não quer só dinheiro. A gente quer dinheiro. E felicidade. A gente não quer Só dinheiro. A gente quer inteiro. E não pela metade”.

E você? Tem fome de que?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Paulo. **História do Turismo no Brasil entre os Séculos XIV e XX – Viagens, Espaço e Cultura**. Barueri: Manole, 2012.

BACH, Richard. **Orações**. In: O Dom de Voar. Rio de Janeiro: Record, 1974.

BENI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 8.ed. São Paulo: Senac, 2003.

BOYER, Marc**. História do Turismo de Massa**. Edusc, 2003.

BRASIL. **Dicionário do Turismo**. Ministério do Turismo. Disponível em: <http://institucional.turismo.gov.br>. Acesso em: 23 ago. 2007. EMBRATUR, 1992.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Uma Pré-história do Turismo no Brasil:** Recreações Aristocráticas e Lazeres Burgueses (1808-1850). São Paulo: Aleph, 2007.

DAIBERT, A. D. **História do Turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930**. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais). Fundação Getúlio Vargas – FGV, Rio de Janeiro, 2010.

DE LA TORRE, Oscar. ***El Turismo, Fenómeno Social***. México. Fondo de Cultura Econômica, 1992.

FILHO, Adolfo Ern; JUNIOR, Hermes José Graipel. **História do Turismo em Blumenau**. Blumenau: EDFURB, 2006.

GUIMARÃES, V. L. **O Turismo Levado a Sério:** Discursos e Relações de Poder no Brasil e na Argentina (1933-1946). Tese de Doutorado (Doutorado em História Comparada) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2012.

HALL. C. M. **Planejamento Turístico:** Política, Processos e Relacionamentos. São Paulo: Contexto, 2001.

HOBSBAWN, Eric J. **Da História Social à História da Sociedade.** In: Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. 2.ed. São Paulo: Thomson, 2003.

LICKORISH, Leonard, JENKINS, Carson. Tradução: VASCONCELOS, Fabíola C.S. **Introdução ao Turismo**. 7.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MELGAÇO, Ycarim. **História das Viagens e do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Definições Básicas do Turismo**. UNWTO, Santiago: 1992. Disponível em: <http://www.world-tourism.org/code_ethics /pdf/languages/Brazil.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2012.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no Percurso do Tempo**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2005.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Marketing Turístico:** Um Enfoque Promocional. Campinas-SP: Papirus, 1990**.**

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental**.** In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O Fenômeno Urbano**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SIQUEIRA, Deise. **História social do Turismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

TITÃS. **Comida.** Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/titas/comida.html#ixzz 1sbGZedJI>. Acesso em: 20 abr. 2012.

THOMPSON, Edward P. **Tempo, Disciplina de Trabalho e o Capitalismo Industrial.** In: Costumes em Comum. Tradução Rosaura Eichemberg. São Paulo: Schwarcz, 1998, p. 267-304.

TRIGO, Gonzaga Godoi Luiz. **Viagem na Memória:** Guia Histórico das Viagens e do Turismo no Brasil. São Paulo: Senac, 2000.

TRIGO, Gonzaga Godoi Luiz. **Turismo:** Como Aprender Como Ensinar. São Paulo: Senac, 2003. 3.ed. v.1.